

# AS CULTURAS DA INFÂNCIA NAS DINÂMICAS DE SOCIABILIDADE ENTRE BEBÊS

RACHEL FREITAS PEREIRA\*

## RESUMO

Este estudo parte de um projeto de dissertação de mestrado e tem por objetivo centrar olhares e percepções para as culturas infantis nas interações sociais que bebês, de um ano e meio a dois anos e meio, estabelecem entre si em uma Escola Municipal de Educação Infantil. A tentativa é de compreender as múltiplas linguagens que esses bebês utilizam nas suas interações para constituir suas dinâmicas de sociabilidade, e suas culturas da infância, concebidas como formas singulares de significação e apreensão do mundo, as quais as crianças criam e compartilham nos seus grupos de pares. Para tanto, busquei traçar algumas reflexões acerca do lugar social que os bebês ocupam, e realizar um breve levantamento de alguns grupos de pesquisa no Brasil que vem se destacando em pesquisas crianças com idade entre zero e três anos. O referencial teórico que subsidia esta investigação é o da Sociologia da Infância em diálogo com outros campos teóricos que também consideram a agência das crianças pequenas nas dinâmicas de sociabilidade.

**Palavras-chave:** Bebês. Dinâmicas de sociabilidade. Culturas da infância.

## RESUME

Cette étude est un projet de thèse, qui vise à concentrer les points de vue et perceptions des cultures dans les interactions sociales des enfants que les bébés d'un an et demi à deux ans et demi, s'établissent dans une école crèche municipale. La tentative est de comprendre les nombreuses langages qui utilisent ces bébés dans leurs interactions pour constituer sa dynamique de sociabilité, et de leurs cultures de l'enfance, conçus comme des formes uniques de sens et de compréhension du monde, où les enfants créent et partagent au sein de leurs groupes paires. Pour ce faire, j'ai cherché à tirer quelques réflexions sur la place sociale que les bébés occupent, et de réaliser à un bref aperçu de certains groupes de recherche au Brésil, qui a résisté à la recherche des enfants âgés de zéro à trois ans. Le cadre théorique qui soutien cette recherche est la perspective de la Sociologie de l'Enfance, et mon désir est de dialoguer avec d'autres

---

\* Graduada em Pedagogia Educação Infantil pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, da Linha de Pesquisa Estudos sobre as Infâncias.

champs théoriques, qui de la même manière que la Sociologie de l'Enfance, comptent sur l'Agence de ces sujets dans les relations sociales.

**Mots-clés:** bebês. Dynamique de la sociabilité. Cultures de l'enfance.

As reflexões aqui apresentadas são resultado de um projeto de dissertação de mestrado desenvolvido no Programa de Pós - graduação em Educação da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo da pesquisa é centrar olhares para as culturas infantis nas interações sociais que os bebês, com idade entre um ano e meio a dois anos e meio, estabelecem entre si. A tentativa é de compreender as múltiplas linguagens que esses bebês utilizam nas suas interações para constituir suas dinâmicas de sociabilidade, e suas culturas da infância, concebidas como formas singulares de significação e apreensão do mundo (SARMENTO, 2003, 2004, 2005), as quais as crianças criam e compartilham nos seus grupos de pares<sup>1</sup> (CORSARO, 2009). O estudo empírico vem sendo realizado desde março de 2010, em uma Escola Municipal de Educação Infantil do município de Porto Alegre e finalizar-se-á em agosto de 2010.

Assim, a fim de compreendermos os bebês como seres atuantes, capazes de constituir dinâmicas de sociabilidade, inicio este texto, apresentando uma breve reflexão acerca da concepção de infância sob um viés sócioantropológico; e, após, faço um levantamento de alguns dos grupos de pesquisa no Brasil que vêm recebendo destaque em pesquisar crianças com idade entre 0 e 3 anos.

Como referência que embasa este estudo, tomo os conceitos de *cultura de pares* (CORSARO, 2009) e *culturas infantis* (SARMENTO, 2003, 2004, 2005, 2006), definições que serão explicitadas ao longo deste artigo. Por conseguinte, o referencial teórico que subsidia esta investigação é o da Sociologia da Infância em diálogo com outros campos teóricos que também consideram a agência das crianças pequenas nas dinâmicas de sociabilidade.

Mesmo não concordando com as ideias hegemônicas pela Psicologia tradicional sobre a infância, ao compreendê-la como fase de preparação para uma vida adulta, não quero desconsiderar o legado que trouxe aos estudos da infância, afinal, foi pioneira nos estudos sobre bebês. Não podemos, da mesma forma, desconsiderar que, além de uma construção histórica e social, as crianças também apresentam uma constituição biológica e psíquica. Logo, tenho que levar em discussão esse aspecto biológico e psíquico, pois, senão, estaria contribuindo para uma

---

<sup>1</sup> Aqui, o sentido de *pares* não é o de duplas, mas sim de parceiros, de iguais.

*sociologização* da infância, enquadrando, sistematizando, explicando-a novamente sob uma área específica, tal como fez a Psicologia.

Nesse sentido, considero a necessidade de compreender as infâncias e as crianças, a partir da integração das diversas áreas do conhecimento, pois nenhuma dará conta de explicar esse fenômeno complexo apenas sob uma perspectiva. Portanto, a meu ver, esse é um dos fatos que afirma a relevância desta pesquisa, mas também o seu maior desafio, ou seja, desconstruir algumas concepções que vêm sendo perpetuadas *sobre* os bebês. Ênfase o termo *sobre*, pois este trabalho investigativo não tem a ambição de discursar e determinar verdades acerca desse grupo geracional específico da infância, mas sim de, junto a eles, isto é, *com* eles, mapear a complexidade que há ao tentar compreendê-los. Seria prepotência de minha parte querer garantir que, com este trabalho, os significados das diversas linguagens utilizadas pelos bebês fossem revelados ou suas lógicas desveladas, mas o reconhecimento de que são atores sociais e de que fazem parte de um grupo geracional na sociedade, ao contrário de serem meros objetos de treinamento para a alimentação e higienização, é o cerne deste estudo. Para cumprir com esse desafio, há também que se coadunar a captação das múltiplas linguagens dos bebês, as quais necessitam de olhares atentos e percepções acuradas.

Embora, essa pesquisa seja realizada por uma adulta, ou seja, desenvolvida sob olhares adultocêntricos já cristalizados, pretendo me distanciar dessas amarras que essas perspectivas impõem, e procurar compreender os bebês, a partir do que eles têm a *dizer*, o que se passa entre eles, de que forma estabelecem suas relações, de que forma negociam e interagem e como criam e compartilham significados. Portanto, meu objetivo consiste em escutar essas vozes, tal como propõe a Sociologia da Infância, embora, neste caso, a escuta seja de uma fala não-verbal, quase invisível, uma comunicação que se expressa de diferentes jeitos e trejeitos.

## **A infância sob um viés socioantropológico**

Inscrevo este trabalho no campo da Sociologia da Infância, e assumo essa escolha pela concepção de infância como um objeto de estudo sociológico, da mesma medida que os bebês são vistos enquanto atores sociais, protagonistas do mundo social, capazes de re(criar) e compartilhar significados. De acordo com Sarmento, conceber a infância como objeto de estudo sociológico é resgatá-la

[...] das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para elas (2005, p. 363).

Então, com a intenção de olhar as infâncias *por dentro*, penetrar nesse universo, apresento uma breve reflexão acerca dos processos de construção, socialização e institucionalização da infância. Chamo a atenção, aqui, ao fato de que, durante anos, a criança ficou à margem das discussões científicas, no sentido de que as suas especificidades não foram reconhecidas, e, no caso específico dos bebês, foi ainda mais problemático, já que eram vistos como um ser que precisava somente de alimentação e higienização. Logo, o lugar social que eles vêm ocupando socialmente está contido na história da infância, a qual, agora, procuro traçar.

Quando se fala da história da criança, um dos pioneiros nesse assunto é Philippe Ariès (1981), pois ele defende a ideia da infância como uma construção social, uma evolução dos sentimentos e das atitudes para com a infância, tendo sido *inventada* no período moderno.

Warde (2007), em seu artigo intitulado *Repensando os estudos sociais de história da infância no Brasil*, apresenta alguns desafios suscitados pelos estudos de história da infância produzidos nas duas últimas décadas no Brasil. Um dos autores citados pela autora é Ariès, à medida que sua obra<sup>2</sup> provocou muitas críticas. De acordo com Warde, as principais críticas recaíram sobre os erros metodológicos e as fontes que utilizou, assim como, com relação à emergência de um sentimento de infância, já que teria sido radical na noção da ausência da criança. Todavia, embora suas ideias sejam confrontadas, pondero relevante ressaltar suas concepções, por ser considerado um marco na história da infância e por trazer contribuições significativas acerca da *desconstrução do mito da infância natural*.

Segundo Ariès, foi com o projeto iluminista que surgiu a preocupação com a infância de modo sistematizado. A educação deveria realizar a tarefa de transformar esses pequenos seres *imperfeitos* em homens dotados de linguagem verbal, para serem os futuros cidadãos responsáveis, independentes e autônomos. Assim, a partir desse ideário, a criança passou a ser reconhecida como objeto de

---

<sup>2</sup> As críticas referem-se à obra de Ariès intitulada *História social da criança e da família*. Sua primeira edição no Brasil foi em 1978.

estudo da ciência, e a infância passou a ser compreendida como uma fase passageira e transitória que precisaria ser apressada.

A Revolução Industrial que estruturou a chamada vida moderna seduziu a todos pelas ideias de utilidade, produtividade e lucro, consolidando a questão do progresso por meio do capitalismo. Frente à essa situação social, cabia à ciência, como critério da verdade, explicar a infância e definir as metas para o seu desenvolvimento. Nesse cenário, a Psicologia do Desenvolvimento surgiu com uma visão normativa da infância, à procura de sua universalidade, estabelecendo uma concepção sequencial e ordenada da trajetória de vida, percebendo as crianças como *imaturas* e incapazes. Desse modo, por muito tempo, as crianças foram vistas sob esse viés psicologizante que as descreviam apenas como fases ou etapas de desenvolvimento, dissociadas das condições sociais.

A Sociologia da Educação tradicional, por sua vez, também contribuiu com o ideário de uma infância contemplativa/passiva que deveria ser socializada pela família e pela escola. Para esses conceitos clássicos e conservadores, as crianças não tinham papel e não atuavam socialmente. Ao contrário disso, crianças eram vistas apenas como contempladoras do mundo, consumidoras e receptoras da herança social, cabendo-lhes apenas *sofrer a ação* dos adultos e receber uma herança cultural.

Esse conceito de socialização, com vistas à assimilação e à adaptação dos indivíduos na sociedade, suscitou fortes reações por parte dos sociólogos que estudam as crianças. A crítica fundamental é de que tal visão conduz a uma abordagem na qual as crianças são consideradas como objetos, aos quais os adultos imprimem suas culturas.

Corsaro (1997, 2009) foi um dos autores que, desenvolvendo pesquisas com as crianças, declarou-se insatisfeito com esse conceito de socialização difundido. Logo, preocupou-se em reconstruir esse conceito, apresentando uma abordagem à socialização da infância que denominou de *reprodução interpretativa*. *Interpretativa* no sentido de que as crianças, através de sua participação na sociedade, atribuem aspectos inovadores, ou seja, indicando que elas criam e participam de suas culturas de pares por meio da apropriação das informações do mundo adulto, de forma a compreender seus interesses próprios. O termo *reprodução* quer dizer que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas que contribuem ativamente para a produção e mudança cultural. Assim, as crianças são afetadas pelas sociedades e culturas, mas elas também as afetam.

Nesse sentido, tanto a Sociologia da Infância quanto a Antropologia da Criança se embasam nesta abordagem, estudando as crianças como atores que interagem com as pessoas e com as instituições, que criam para si um lugar no mundo, que reagem aos adultos, negociam e redefinem a realidade social.

Dessa forma, compreender a criança enquanto ator social é entendê-la como agente ativo e competente que produz a sua própria cultura, tendo em vista que contribui, simultaneamente, para a produção das sociedades adultas.

A consideração da infância como categoria social compreende-a como parte da sociedade, isto é, como uma forma estrutural interligada com outras que a afetam. Já, como categoria geracional, é vista no sentido de que, para a sociedade, a infância é uma categoria que nunca desaparece, mesmo que suas concepções variem historicamente, embora, para as próprias crianças, essa fase seja um período transitório.

A infância, nessa perspectiva, situa-se como uma das idades da vida que necessita de uma exploração específica, do mesmo modo que a juventude, o adulto ou a velhice, já que é uma forma estrutural que jamais desaparece.

No caso específico deste trabalho, os bebês, enquanto atores sociais, integram uma categoria geracional específica dentro de outra categoria geracional que é a infância, considerando, assim, suas variações intra-geracionais.

### **As interações sociais entre os bebês: delineando alguns estudos**

Neste item, busco refletir acerca deste bebê entendido enquanto ator social que faz parte de uma categoria estrutural e geracional, que possui suas especificidades, suas linguagens e que estabelece, através delas, interações sociais com os outros, sejam outros bebês, outros adultos, enfim, com o mundo à sua volta. Portanto, apresento brevemente alguns estudos que vêm sendo realizados sobre as relações e interações sociais entre bebês, focando nas diferentes concepções e métodos de estudo. Para isso, utilizo-me das contribuições de Anjos *et al* (2004), que em seu texto intitulado *Interações de bebês em creche* faz um levantamento bibliográfico sobre esses estudos realizados a partir da década de 1970. Anjos é pesquisadora integrante do grupo CINDEDI<sup>3</sup>, coordenado por Maria

---

<sup>3</sup> Refere-se ao Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil.

Clotilde Rossetti-Ferreira na USP<sup>4</sup>, um dos grupos pioneiros em realizar pesquisas sobre bebês, suas interações e inserção em creches. Os pesquisadores do CINDEDI utilizam em seus estudos a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (RedSig).

Essa perspectiva considera as interações e relações como um fazer algo junto, no sentido de ação conjunta da relação, um eu-outro numa perspectiva dialógica que implica em pensar essas interações de forma relacional, social, histórica e cultural. Sob essa perspectiva, Anjos e seu grupo de pesquisa investigaram os eventos interativos de bebês com coetâneos. O objetivo de seu trabalho centrou-se em observar um grupo de vinte e uma crianças de oito a quatorze meses, em uma creche universitária. A observação foi desempenhada via filmagem, com análise microgenética, realizando uma quantificação dos episódios interativos e estabelecendo critérios para sua classificação em relação à idade das crianças, à organização do espaço, à interpretação do adulto e à descrição das ações das crianças. Com isso, verificou que as interações ocorriam conforme a proximidade física, os gestos dirigidos ao outro e o direcionamento do olhar e/ou da postura, reciprocamente. Além disso, foi possível identificar que, mesmo no primeiro ano de vida, os comportamentos de um bebê mostravam-se regulados pela ação do outro.

Anjos *et al* (2004) argumenta que, ao longo da história da Psicologia, muitos autores reiteraram que a interação social é fundante ao desenvolvimento do ser humano. Essa afirmação fez com que muitas pesquisas investigassem as situações interativas, considerando o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo das pessoas envolvidas. Citarei algumas dessas pesquisas que a autora ressalta em seu texto.

Nas pesquisas da Psicologia do Desenvolvimento, embasadas em proposições piagetianas, o enfoque tem sido dado ao grau de desenvolvimento cognitivo dos bebês. Em outras vertentes de estudos, os bebês têm sido estudados na relação que estabelecem com os adultos, seja embasada na Teoria do Apego de Bowlby<sup>5</sup>, ou na perspectiva de Fogel, que compreende que uma pré-adaptação biológica prepara a criança para agir sobre o social, a ponto de modificá-lo.

As capacidades interativas da criança com parceiros de mesma idade têm sido investigadas com menor frequência, porém, nas últimas décadas, foi possível perceber um crescente interesse em estudá-los.

---

<sup>4</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>5</sup> Psiquiatra que desenvolveu, entre a década de 60 e 70, a Teoria do Apego, esta procura explicar como ocorre e quais as implicações para a vida adulta dos fortes vínculos afetivos entre o bebê e a mãe.

Isso ocorreu, talvez, porque esse contato tem ocorrido de forma cada vez mais precoce, em função do compartilhamento da educação de bebês em creches (ANJOS, 2004).

Anjos verificou variados focos nas investigações, apontando aspectos diversos que propiciam, promovem ou restringem as interações. Segundo a autora, na década de 1970, estudos sobre interação questionavam a possibilidade de haver contribuições a partir do contato com pares para o desenvolvimento das competências das crianças; enquanto outros autores, no entanto, vinham reconhecendo a existência de processos interativos de bebês, buscando defini-los. Alguns deles perceberam que os bebês observavam o outro de tal forma, que eram capazes de responder com sorrisos e vocalizações, oferecer e tomar brinquedos, imitar e fazer sons, na busca de um contato social. Nesse período, usualmente, os estudos verificavam a presença do adulto e/ou do brinquedo como mediadores da interação.

Já na década de 80, de acordo com a pesquisadora, alguns autores passaram a utilizar o termo interações de pares aos bebês. As capacidades comunicativas também passaram a ser estudadas, com foco no afeto, nos gestos, na imitação e na comunicação não-verbal. Nessa mesma década, vários pesquisadores começam a utilizar novos recursos de observação de crianças, especialmente a vídeo gravação, o que apresentou avanços para a área.

A partir da década de 90, Anjos ressalta que o conceito de interação sofreu (re)elaborações, sendo concebido como o que engloba mais do que o fazer algo junto, passando a contemplar a regulação recíproca entre os componentes de um sistema.

Ainda nesse mesmo período, houve o sentido de teorização dos processos interativos, tais como os de intersubjetividade. Alguns autores observaram que crianças entre seis e nove meses já eram capazes de manifestar comportamentos indicativos de reconhecimento intersubjetivo do outro e habilidades sensíveis de comunicação, mediante a troca de sentimentos e gestos entre coetâneos.

Ao concluir essa revisão bibliográfica, Anjos (2004) identificou uma relativa carência de estudos que investigassem os processos interativos de bebês com coetâneos. Também se perceberam mudanças importantes nos últimos trinta anos, na forma de conceituar e apreender as interações que ocorrem entre bebês.

Atualmente, no Brasil, outros grupos de pesquisas também têm investido e se destacado no estudo acerca dos bebês, como é o caso do GEPEDISC<sup>6</sup> da UNICAMP<sup>7</sup>. A dissertação de mestrado de Bufalo (1997),

---

<sup>6</sup> Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diferenciação Sócio-cultural.



*Creche: lugar de criança, lugar de infância: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas/SP*, orientada por Ana Lúcia Goulart de Faria, integrante do grupo, teve o objetivo de contribuir para a formação das profissionais de creche para a construção de uma Pedagogia da Educação Infantil. Através de um estudo de caso, investigaram-se práticas educativas que envolvem educação e cuidado em uma creche pública com crianças de um ano e dois meses a dois anos. Esse trabalho procurou destacar os elementos constitutivos do trabalho das monitoras<sup>8</sup>. A criança foi enfocada nesse estudo como produtora e consumidora de manifestações culturais, uma pessoa com suas especificidades. A autora verificou que a creche é um lugar de educação tanto das crianças como também das mulheres adultas, pois todos produzem e consomem saberes no convívio das diferenças. Nesse sentido, tanto a criança quanto o adulto produzem e consomem culturas na relação pedagógica. O trabalho apresenta um enfoque teórico com grande influência de estudiosos italianos.

Desse mesmo núcleo, Prado (1998) realizou em sua dissertação de Mestrado *Educação e Cultura Infantil em creche: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um CEMEI de Campinas/SP*, orientada por Neusa Maria Mendes de Gusmão, um estudo que buscou identificar concepções do brincar atribuídas à Educação Infantil para a faixa etária de zero a três anos, partindo da necessidade de reconhecimento das manifestações e das expressões culturais das crianças. A partir de um estudo de tipo etnográfico, conduziu uma observação com filmagens junto às crianças, verificando o que elas construíam e produziam em suas brincadeiras. Constatou que as crianças pequenininhas estabelecem múltiplas relações e expressam-se intensamente, sendo capazes de reproduzirem, reelaborarem, inventarem e criarem novas brincadeiras com novos significados.

O grupo INFOC<sup>9</sup> na PUC/RJ<sup>10</sup>, coordenado por Sonia Kramer, é outro núcleo que vem se destacando nos estudos sobre os bebês. A tese de doutorado de Guimarães (2008), *Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado*<sup>11</sup>, buscou conhecer e compreender as relações dos adultos com as crianças e das crianças entre si, e os dispositivos de poder presentes no cotidiano de um

---

<sup>7</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>8</sup> Refere-se às pessoas que desempenham o papel de auxiliar da professora.

<sup>9</sup> Infância, Formação e Cultura.

<sup>10</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>11</sup> Pesquisa orientada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Sonia Kramer.

berçário. Assim, verificou o quanto e como as imitações, ofertas e trocas de objetos, assim como os olhares e gestos comunicativos deslocam os bebês do lugar da necessidade, carência e dependência absoluta, para um lugar de força, iniciativa e comunicabilidade. Nesse sentido, para a autora, o berçário contribui com o fato de que as crianças construam confiança nas suas possibilidades de ter escolhas e iniciativas. A perspectiva etnográfica orientou a permanência no campo, juntamente com a utilização de fotografias e entrevistas com as profissionais. Guimarães apoiou-se em autores da Filosofia e da Antropologia.

Outro núcleo que vêm se dedicando a estudar os bebês, é o NUPEIN<sup>12</sup>, na UFSC<sup>13</sup>. Destaco a pesquisa de mestrado de Schmitt (2008) intitulada *“Mas eu não falo a língua deles!”: As relações sociais de bebês num contexto de educação infantil*<sup>14</sup>, que objetivou conhecer e analisar as relações sociais constituídas entre os bebês, num grupo de quinze crianças, com idade entre quatro meses e um ano e três meses em um espaço público de educação infantil. As observações indicaram que, à medida que os bebês conquistavam o domínio dos movimentos, aproximavam-se mais entre si e modificavam suas relações, devido a uma autonomia crescente na busca pelo outro. Os bebês exprimiam suas sensações, emoções e impressões ao outro pelo movimento, que se transformava em gestos comunicativos. Como procedimento metodológico, optou por um estudo com inspiração etnográfica, utilizando videogravação e fotografias. A autora fez uma aproximação aos estudos da Sociologia da Infância, utilizando-se também da Antropologia da Criança, da Filosofia da Linguagem do russo Mikhail Bakhtin, da Psicologia e da Pedagogia da Infância.

Destaco também desse mesmo núcleo (o NUPEIN) a pesquisa de mestrado de Coutinho (2002) *As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação*<sup>15</sup>, a qual focalizou seus estudos nas ações sociais das crianças nesses momentos, em uma creche municipal de Florianópolis. A partir da observação participante com crianças entre um e três anos de idade, anotações em diários, utilização de vídeo e fotografias, conheceu essas crianças, suas culturas, as práticas de educação e o cuidado desenvolvido junto a elas. Observou que as crianças criam significados diversos dos adultos nesses momentos, encontrando sempre jeitos de se relacionarem entre si de forma intensa e prazerosa. A autora ainda

---

<sup>12</sup> Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância.

<sup>13</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>14</sup> Pesquisa orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloísa Acires Candal Rocha.

<sup>15</sup> Pesquisa orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Beatriz Cerisara.

revelou que as relações e criações infantis modificam a disposição da rotina, provocando encontros e novas significações, tomando essas ações das crianças como criações próprias da cultura infantil, já que se expressa de um modo diferenciado do modo de ser de outras gerações. A autora buscou promover um diálogo entre os saberes construídos no campo das Ciências Sociais, especificamente da Sociologia da Infância e a Pedagogia.

O GEIN<sup>16</sup>, da UFRGS, também vem investindo em pesquisas com bebês. A dissertação de Camera (2006), *Do olhar que convoca ao sorriso que responde: possibilidades interativas entre bebês*, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Carmen Silveira Barbosa, teve como objetivo investigar as possibilidades interativas de bebês entre si na faixa de seis e quinze meses, em uma Escola de Educação Infantil em Porto Alegre. A autora demonstrou as possíveis relações com a construção de significados compartilhados na interação entre pares, e as competências interativas desses bebês. Constatou que a expressividade se fazia crescente, à medida que os bebês pareciam mais atentos uns aos outros, e que a emergência da fala como linguagem teve papel significativo como mediador na interação. O estudo foi do tipo etnográfico, com a utilização de notas em diário e fitas gravadas.

Portanto, diante dessas pesquisas já realizadas, posso dizer que precisamos ver os bebês de forma diferente, já que foi possível verificar que os bebês, durante as dinâmicas de jogos sociais, demonstraram capacidade de abstração, extraindo significados nas relações entre os objetos e as ações realizadas com os mesmos. Embora não dominando a linguagem verbal oral, utilizaram vários procedimentos não verbais para *dizer* às outras crianças suas ideias, seus desejos, acordos e desacordos. Nesse sentido, os bebês evidenciaram entre eles, em seus jogos sociais, uma enorme capacidade de invenção e criação, rompendo com aquelas concepções hegemônicas dos bebês enquanto seres passivos e incapazes de ação.

## **As dinâmicas de sociabilidade entre bebês e as culturas da infância**

Compreendo que são as diversas linguagens da criança que delineiam o processo das relações e interações sociais entre elas, pois, *se a cultura emerge das interações sociais, são as linguagens que as fundamentam no ato mesmo de pensar, valorar, compartilhar e comunicar significados singulares no coletivo, permitindo participar da coexistência no mesmo mundo [...]* (BARBOSA e RICHTER, 2009a,

---

<sup>16</sup> Grupo de Estudos em Educação Infantil.

*texto digitado*). Portanto, neste item, apresento de que forma as dinâmicas de sociabilidade entre crianças vêm sendo estudadas. Utilizo-me dos estudos de Corsaro (2009), sua teoria da *reprodução interpretativa e cultura de pares*; das contribuições de Sarmento (2003, 2004, 2005, 2006) acerca das *culturas da infância*; das análises de Ferreira (2004) sobre as relações sociais entre crianças, suas dinâmicas de sociabilidade; e das contribuições de Cohn (2005) sobre as culturas infantis.

Os estudos da sociologia da infância têm sustentado a autonomia das formas culturais da infância, já que são uma forma de ação social, pois as crianças criam modos próprios de compreensão e ação sobre o mundo, o que explica o termo *culturas da infância*. A noção de *culturas da infância* refere-se à existência de culturas próprias, formas de estar, pensar e sentir específicas da infância, necessariamente distintas das do adulto, embora, também, interdependentes destas (SARMENTO, 2004, 2005, 2006).

Entendo esse processo como dinâmicas de sociabilidade, que seriam as relações de maior horizontalidade que as crianças estabelecem entre elas (FERREIRA, 2004).

Ferreira (2004) afirma que

[...] atentar nas relações de sociabilidade – a criança como ser social e constituída por ele – é o mesmo que captar os modos pelos quais na acção as crianças negociam a participação, gerem as interdependências em curso e as trocas inerentes, alicerçando os espaços recíprocos de influência e dependências mútuas (Hargreaves, 1975, cit. Davies, 1980: 266) necessários à constituição da sua cultura e de si como grupo que se perfila e revê (p. 70).

A Antropologia da criança também tem sustentado essa autonomia das crianças e tem se dedicado a entender o ponto de vista daqueles sobre quem e com quem fala. Mas, deixa claro que a cultura infantil não está dissociada da cultura dos adultos. As crianças elaboram sentidos para o mundo e suas experiências, compartilhando de um sistema simbólico já existente. Esses sentidos têm uma particularidade, entretanto, não podem ser reduzidos aos dos adultos (COHN, 2005).

Cohn (2005) compreende a cultura não como valores ou crenças, mas como aquilo que os conforma, uma lógica particular acionada pelos atores sociais a cada momento, para dar sentido às suas experiências. Dessa forma, os estudos socioantropológicos desafiam-me a pensar nos bebês enquanto atores sociais que compartilham uma cultura de pares, não enquanto seres inertes, meros objetos de higienização e alimentação, mas enquanto grupo social.

Corsaro (2009) entende por pares o grupo de crianças com idades aproximadas que passam um tempo juntas, diariamente, produzindo e compartilhando ações nas interações face a face. O autor (*idem*, p.32) define cultura de pares [...] *como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares*. Essa cultura de pares permite às crianças reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia, criando estratégias que permite exorcizar medos, construir fantasias e representar cenas do cotidiano.

Sarmiento (2004) também sustenta a existência de uma cultura infantil de pares, apresentando os quatro pilares que estruturam as culturas da infância: a *interatividade*, a *ludicidade*, a *fantasia do real* e a *reiteração*. A *interatividade* é compreendida como a partilha de aprendizagens nos espaços de interação entre as crianças, onde elas aprendem umas com as outras, estabelecendo cultura de pares.

A *ludicidade*, de acordo com Sarmiento (2003, 2004), refere-se ao brincar, pois é uma atividade social que, antes de tudo, pertence à dimensão humana. Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas atividades sociais mais significativas. Porém, para as crianças, o brincar é o que fazem de mais sério. Nessa perspectiva, o brincar é uma ação social, na qual constroem suas relações sociais e formas individuais e coletivas de interpretar o mundo. Nessa visão, o brincar é entendido como uma prática social e cultural que se constrói nos encontros entre as crianças e em articulação com o contexto sociocultural em que se inserem, sendo fator fundamental na recriação do mundo e na produção das fantasias infantis.

A *fantasia do real* é um termo utilizado por Sarmiento (2004) para referenciar a forma com que as crianças transpõem o real e o reconstróem criativamente pelo imaginário. Segundo o autor, a expressão *faz de conta* é inapropriada, pois parece que a realidade acaba sendo transposta para outro plano. Na sua visão, o *faz de conta* não significa passar para outro plano dissociado da realidade ou não-real, pois, para as crianças, esse plano é tão real quanto à própria realidade. Ele defende que a dicotomia realidade-fantasia encontra-se imbricada nas culturas infantis.

A *reiteração* refere-se ao tempo da criança, um tempo sem medida que se desloca da realidade cronológica para a temporalidade diferida da situação imaginária. Um dos traços das culturas infantis é essa não linearidade temporal. O tempo da criança se constrói sob a ordem da imaginação e do fazer coletivo.

Portanto, essas estruturas que compõem as culturas da infância constituem-se nas interações de pares e também nas interações das

crianças com os adultos, em uma dimensão relacional, inter e intra-geracional (SARMENTO, 2005). Como afirmam Barbosa e Richter (2009a), [...] *São as culturas da infância sendo produzidas pelas crianças, em interação com os adultos [...] seus atos de linguagem são potentes e podem dar a ver as complexas relações sociais e culturais que sempre – desde o nascimento – estabeleceram com o entorno (texto digitado).*

Com relação ao conceito de cultura, Ferreira (2004) também a concebe [...] *como um conjunto associado de saberes, fazeres e sentires que são ou podem ser transformados em meios de interação social de pares num determinado local [...] (p. 80).* As culturas infantis, enquanto formas de ação social, são um modo de ser criança entre crianças, um estilo cultural, particular, ressonante com tempo e espaço particulares.

Dessa forma, como atores sociais, as crianças produzem culturas, mantendo e transformando a infância, e essas manifestações culturais são marcadas pela fluidez, apropriação, transformação e resistência da/à cultura dos adultos. Assim, as crianças são produzidas pela cultura dos adultos, mas ao mesmo tempo também a produzem.

Contudo, deve ficar bem claro que essas manifestações e produções de cultura se dão de diversas formas, através das múltiplas linguagens das crianças, das suas diferentes formas de comunicação e expressão, ainda mais quando tratamos de bebês.

De acordo com Barbosa e Richter (2009a) [...] *os bebês nos ensinam a reaprender outros modos de sentir, perceber e agir no mundo (texto digitado).* Afirmam ainda que

Os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo em nós – em nosso corpo – e no modo como estabelecemos nossas relações sociais (RICHTER e BARBOSA, 2009b, *texto digitado*).

Ferreira (2004) observa que as ações individuais das crianças só constituem acontecimentos sociais, quando passam a ser negociadas e (re)interpretadas com outros, através de interações sociais entre pares. O sentido da ação resulta do seu confronto com as ações dos outros e com as ações que encontram à sua disposição no próprio decorrer da produção e reprodução da ação.

Nesse sentido, a autora define que as interações sociais

[...] são processos de relação, comunicação e identificação que não só permitem a negociação das definições da realidade de cada indivíduo como facilitam a criação de entendimentos comuns acerca do significado e sentido de símbolos e ações e a sua aceitação mútua por forma a tornar bem sucedida a ação cooperativa. Assim sendo, constituem-se em “saídas” e recursos para a expressão individual e o reconhecimento pessoal e social. Pode-se dizer que as interações sociais, base e garante dos processos de negociação, participação e aprendizagem social em actividades situadas, ao facultarem a apropriação do valor e da qualidade dos espaços, objectos, pessoas, ações, estão na gênese e produção de culturas infantis locais, conferindo sentidos à vida no JI<sup>17</sup> (p. 60).

Esses processos de ação coletiva estruturam as rotinas das culturas de pares e, sendo estas uma prática social subordinada às regras e aos rituais do grupo de crianças, fornecem um sentido de pertença ao grupo de crianças.

Ferreira (2004) verificou também que, nessas rotinas da cultura de pares, assiste-se a uma improvisação de ações, em que as crianças, agindo de modo diferente, introduzem inovações nas regras. Por esse motivo, as rotinas não são estáticas ou lineares, pois podem sempre ser alteradas e, qualitativamente, melhoradas no decurso da ação. Isso significa que os modos rotinizados, convencionados socialmente pelas próprias crianças passam a organizar e a regular as ações individuais e coletivas. Esses encontros são sinônimos de fortes confrontos revelados nas suas negociações e nos seus conflitos.

Nesse sentido, podemos afirmar que as crianças são capazes de construir, nas suas relações e interações sociais, uma visão intersubjetiva do mundo e um modo de estar no mundo, elas são produtoras criativas dos seus mundos de criança. Esses processos são construídos nas suas dinâmicas de sociabilidade, próprias e singulares.

Portanto, diante do que foi exposto, fica aqui registrado meu desejo de que as especificidades, as habilidades, os sentimentos e as emoções dos bebês sejam reconhecidos e evidenciados, tendo a clareza de que os bebês se comunicam, através da composição de diversas linguagens, e não da forma hermética como a cultura adultocêntrica concebe a linguagem, ou seja, como uma linguagem única e invariável: a linguagem verbal. Analisando essas proposições, estaremos conhecendo um pouco mais do universo infantil que habita nossas escolas de educação infantil e, assim, contribuir para que, cada

---

<sup>17</sup> Jardim Infantil.

vez mais, nós, adultos, pensemos em uma educação da pequena infância que contemple e privilegie os conhecimentos que as crianças, incluindo os bebês produzem e compartilham entre eles.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Adriana Mara dos *et al.* Interações de bebês em creche. In: **Estudos psicológicos**. Set.-dez. 2006, vol. 9, n.3 p.513-522.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmen S.; RICHTER, Sandra. R. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. In: **17.º Congresso de Leitura do Brasil (COLE)**, 2009, Campinas, SP. (*Texto digitado*)
- BUFALO, Joseane M. P. **Creche: lugar de criança, lugar de infância**; um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas/SP. Dissertação de Mestrado. FE-UNICAMPI, 1997.
- CAMERA, Hildair Garcia. **Do olhar que convoca ao sorriso que responde**: possibilidades interativas entre bebês. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.
- CORSARO, William. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.
- COUTINHO, Ângela Scalabrin. **As crianças no interior da creche**: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- FERREIRA, Manuela. Do “avesso” do brincar ou... as Relações entre pares, as Rotinas da cultura infantil e a Construção da(s) Ordem(ens) Social(ais) Instituinte(s) das Crianças no Jardim-de-Infância. In: SARMENTO, M. J. & CERISARA, A. B. (orgs) **Crianças e miúdos**. Perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.
- GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro**: técnicas corporais, responsividade, cuidado. Rio de Janeiro, 2008 (Tese de Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural: Apontamentos sobre o lugar da criança na cultura. In: ZILBERMAN, Regina (org.) **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado, 1990.
- PRADO, Patrícia Dias. **Educação e Cultura Infantil em creche**: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um CEMEI de Campinas/SP. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais aplicadas à Educação) - Universidade Estadual de Campinas.



RICHTER, Sandra R. S.; BARBOSA, Maria Carmen S. Educação Infantil: qual currículo com crianças pequenas? In: **VI Congresso Internacional de Educação** - Educação e Tecnologia: sujeitos (des)conectados? São Leopoldo: 2009. p. 1-18.

SARMENTO, Manuel J. Sociologia da Infância: correntes e confluências. **Cadernos do Noroeste**. Série Sociologia. v. 13, n. 2. Braga: IEC/Universidade do Minho, 2000.

\_\_\_\_\_. Imaginário e as culturas da infância. In: ARAÚJO, A. F. (org.). **História, educação e imaginário**. Actas do IV Colóquio de História, Educação e Imaginário. Braga: Universidade do Minho, 2003.

\_\_\_\_\_. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, M. J. & CERISARA, A. B. (orgs) **Crianças e miúdos**. Perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

\_\_\_\_\_. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. In: **Educação & Sociedade**. Sociologia da Infância: pesquisas com crianças. Campinas: Cedes, v.26, p. 361-378, Maio/Agosto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conhecer a infância**: os desenhos das crianças como produções simbólicas. IEC, Uminho, 2006. p. 1-26. (*Digital Format*).

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **“Mas eu não falo a língua deles!”**: As relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina.

WARDE, Mirian Jorge. **Repensando os estudos sociais de história da infância no Brasil**. Revista Perspectiva. Florianópolis: jan./jun. 2007. v. 25, n. 1, p. 21-39.

